

Metade dos alunos do 1º grau é reprovada no ES

Texto de Rose Duarte
Fotos de Josemar Gonçalves

Para que uma criança passe da primeira para a segunda série, é necessário que ela saiba ler e interpretar. A primeira vista esse critério parece não ser tão rigoroso, mas, a verdade é que quase metade dos alunos matriculados na primeira série em 79, em todo o Estado, foi reprovada. A causa disso se concentra no caráter economicamente seletivo dos serviços educacionais, que oferece o ensino na forma legalista, do que a mais realista.

Considerando a metodologia do professor Paulo Freire, de que um trabalho educativo é feito "com o homem e não para o homem", as causas dos principais problemas educacionais, como os altos índices de evasão e repetência, podem ser atribuídas à escola, que hoje está sendo uma fonte de autoritarismo que não responde aos anseios de uma sociedade em acelerada transformação.

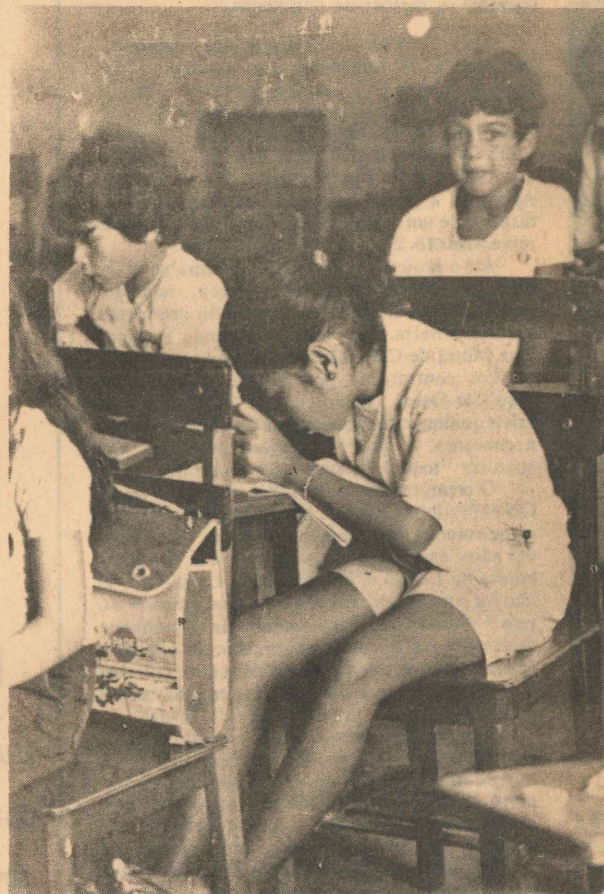
E como exemplos disso, dados fornecidos pela Secretaria da Educação demonstram que, em 1979, dos 106.598 alunos matriculados na primeira série, 51.315 não passaram para o segundo ano, sendo que destes, 13.986 crianças evadiram-se das escolas públicas e particulares do Estado. E é aí que entra o papel da escola, confinando, aos seus limites, os alunos: ou o estudante se adapta ao professor ou é eliminado do sistema.

Nas zonas rurais, onde são menores as taxas de escolarização, os índices de repetência e evasão são maiores. E maior é a dificuldade de adequação da educação às particularidades da clientela e do meio, levando-se em conta, ainda, a propensão à migração, em si inevitável, mas fortemente acelerada pelas condições de pobreza rural.

O pré-escolar é relevante, por sua vez, tanto por seu impacto pedagógico quanto pela possibilidade que oferece de influenciar as condições de nutrição, saúde e higiene das crianças e das famílias nas zonas periféricas urbanas. Na verdade, a dita educação pré-escolar deve ser entendida como aquela que se faz antes do ingresso no 1º grau, independente de limite de idade.

Tendo em vista que nos primeiros anos de infância se decide em grande parte a potencialidade formativa da personalidade humana, o impacto sobre a criança a partir dos sete anos de idade, pode estar já comprometido com um passado de desnutrição e não mais recuperável. É importante ressaltar que, estando o acesso ao pré-escolar concentrado nas famílias de alto poder aquisitivo, é acentuada ainda mais a distância para com o aproveitamento escolar das crianças pobres.

Em 1979, somente nas quatro primeiras séries do 1º grau, 177.920 alunos foram aprovados; 61.708 foi o número de reprovados e 26.301 deixaram a escola. De quinta à oitava séries, os números são os seguintes: 86.047 aprovados, 15.936 reprovados e 13.845 evasões.



As dificuldades começam no primeiro ano



Muitas das crianças não conseguem aprovação no primeiro grau por causa de pressões sócio-econômicas

Professor acha sistema de alfabetização inadequado

O professor não tem mais um ideal. Foi assim que antigas e novas professoras justificaram os altos índices de repetências nas escolas públicas, que admitem ser, em parte, culpa delas próprias. Para elas, se exige muito do aluno do 1º ano, quando o processo de alfabetização deveria ser prolongado até à 4ª série, através da linguagem oral e escrita. Mas, para isso, acreditam que a escola deveria fazer uma integração curricular, de forma que o processo não fosse interrompido, com uma ou outra metodologia isolada.

Uma professora com 25 anos de magistério, dos quais mais da metade em regência de classe para alfabetização, explicou que, além "do despreparo de alguns professores novos, que saem da escola para uma classe de 1º ano — que deveria ser regida pelos mais experientes — há o problema do desenvolvimento intelectual motivado pela alimentação inadequada".

Na escola Normal, segundo ela, o professor primário não adquire base alguma para enfrentar, de início um 1º ano. "A pessoa pode ter mais de 20 anos de magistério, mas nunca um ano é igual a outro. Daí a importância da experiência. Aliado a isso, há o problema do idealismo, que os novos não têm. E não têm por causa dos baixos salários, principalmente", enfatizou.

Sobre a questão curricular, ela falou que "a cartilha usada em Vitória não pode ser a mesma usada em Montanha, onde a realidade social é outra". Para isso, é necessário que o professor elabore sua própria cartilha, de acordo com a clientela que possui. "Um professor não pode falar em praia para um aluno de Montanha que nunca viu o mar, sem mostrar, pelo menos, uma gravura", exemplificou.

Outra professora contou um caso ocorrido, no ano passado, na escola Gomes Cardim. Segundo ela, "uma professora nova pediu, logo nos primeiros dias, as cartilhas para os alunos. Depois de mandar muitos bilhetes para os pais de um deles, a mãe comprou a cartilha, foi à escola e ameaçou a professora dizendo que, por causa da cartilha, ela deixou de comprar o feijão, e que no final do ano queria o filho lendo".

Em Mimoso do Sul, na Escola de 1º Grau "Monteiro da Silva", o professor que assume uma turma do 1º ano, vai até a 4ª série com ela. Isso, segundo uma professora, que hoje está fora da regência de classe, se fosse adotado em todas as escolas públicas diminuiria muito o índice de repetência, porque o trabalho encerrado num ano teria continuidade no outro. Isso raramente ocorre nos estabelecimentos públicos.

LINGUA

No município de Domingos Martins, por exemplo, a língua é o principal fator responsável pela repetência e evasão nas escolas. Aliado a isso, cabe também ressaltar a responsabilidade da Secretaria da Educação, que não dá condições necessárias para os professores e o supervisor trabalharem adequadamente. O problema é que a maioria das crianças de Santa Maria de Jetibá e Melgado, por exemplo, só fala a língua alemã em casa. Quando começam o 1º ano, surge um impasse: eles não entendem o que o professor fala.

Há crianças que repetem o 1º ano duas ou três vezes, na maioria dos casos, até que professor e aluno possam se entender. E a responsabilidade da Sedu

entra aí, já que somente professores do município teriam que lecionar, a princípio, ensinando em português as palavras que as crianças conhecem e falam em alemão.

Uma supervisora que trabalhou em Domingos Martins falou que "o Estado não dá condições de melhor atuação. O supervisor é um só para todo o município, e em cada escola teria que haver um monitor para auxiliar o professor na tradução, assim como aos próprios alunos. O problema não ocorre só lá, mas em muitos interiores do Espírito Santo. Ainda é somente o professor que faz uma escola funcionar, mal ou bem", enfatizou.

"Além disso", acrescentou a supervisora, "o professor do interior tem que, sozinho, adequar os currículos à realidade local e, na maioria dos casos, às quatro primeiras séries, já que quase todas as escolas são singulares, isto é, um professor só leciona para uma turma que tem alunos da 1ª à 4ª série". Por outro lado, ela levantou a questão de que esses professores, geralmente, são da categoria monitor, que por não receber um salário pelo menos em dia não se preocupa com o aproveitamento e rendimento escolares.

Os alunos das séries finais, terceira e quarta, geralmente, são retirados da escola na época das colheitas, agravando ainda mais o sistema educacional, com a evasão. Uma solução, segundo a supervisora, seria a descentralização dos programas e a ativa participação de suas clientelas no seu processo de implantação, visando aproveitar todos os recursos locais, adequando a oferta de serviços educativos às necessidades e possibilidades sócio-econômico-culturais do meio rural.

Para a diretora da Escola de 1º grau "Irmã Maria Horta", Marlene de Souza Ferreira, problema da repetência e evasão é gerado pelo "descaso" dos pais, que não participam da vida escolar dos filhos. Apesar do estabelecimento estar localizado na Praia do Canto, considerado um bairro privilegiado, todos os alunos da escola residem em bairros periféricos de Vitória, como Andorinhas, Itararé, Gurigica e outros.

Segundo a diretora, os alunos "são crianças agressivas, talvez por falta de carinho em casa. Todas são de família de baixa renda e, por isso, seus pais, para garantir o sustento da família, trabalham fora. De forma que não há um clima de afeto nas famílias e as crianças sentem isso, são as mais prejudicadas", falou Marlene.

O desnível entre os alunos é muito grande, de acordo com Marlene. No ano passado, na 1ª série, a escola teve 37 de seus 51 alunos repetentes aprovados para a 2ª série. "Esse número nós consideramos alto" — disse ela — "mas, mesmo sendo repetentes, sentimos grande dificuldade em alfabetizá-los, porque trata-se de crianças carentes de afeto e com sérios problemas de desnutrição".

Para, pelo menos, amenizar o problema da alimentação, a escola fornece lanche e refeição para os alunos no período de aula. "Aí o rendimento é bem maior, porque criança com fome não aprende mesmo. Também não temos turmas, principalmente das primeiras séries, com mais de 30 alunos, porque não há como atingir o objetivo, que é a alfabetização", explicou Marlene.